

O DEBATE ATUAL DA TEORIA LITERÁRIA NO BRASIL: UMA ENTREVISTA COM FABIO DURÃO

O tema deste volume, “As literaturas do Sul Global”, parte de uma tentativa de pensar e analisar as diversas literaturas que estão situadas na periferia do capitalismo. Para além de uma questão literária, Sul Global é também um conceito teórico e político, que trata das desigualdades sociais causadas por diferentes esferas, como a do capitalismo, neoliberalismo, patriarcado e do colonialismo. Sob este aspecto, a teoria literária das últimas décadas aborda estas questões a partir das diferentes vertentes do pós-colonialismo e do decolonialismo.

No Brasil, o debate da teoria ainda é embrionário, seja pela postura do “nacional por subtração”, que preconiza a importação, a cada ano, de novas modalidades teóricas; seja pelos poucos professores e pesquisadores de teoria literária no Brasil, uma vez que a teoria ainda não é analisada a partir de um ponto de vista metateórico, mas sempre como uma ferramenta que deve ser aplicada ao texto literário. A problemática formação de teoria literária no Brasil – bem como seu ensino – já foi destacada por diversos intelectuais, entre eles, Luiz Costa Lima. Nos últimos anos, a teoria tem assumido maior destaque nas universidades brasileiras, sobretudo considerando a autonomização da área e a separação da Literatura Brasileira. Atualmente, Fabio Akcelrud Durão é o intelectual brasileiro que consistentemente aborda as implicações da teoria no contexto atual, os seus impactos na crítica literária, e a sua recepção em países de modernização tardia.

Diferentemente de boa parte da produção acadêmica na área de estudos literários na universidade brasileira, Durão analisa a teoria (literária) americana não enquanto conceitos que devem ser aplicados na literatura – gesto que apaga tanto a teoria como o seu objeto – e tampouco aborda o material de maneira árida, estéril e autorreferente. Durão analisa a teoria tendo em vista as contradições imanentes, seus diferentes vetores, algo que não pode ser colocado dentro de um compartimento disciplinar preexistente. No entanto, a impossibilidade de dispensar a teoria nos estudos literários não significa aplicá-la como uma tecnologia de interpretação. Isto posto, o autor aponta que é necessário o seu esquecimento enquanto uma ingenuidade autoconsciente. Ou seja, a teoria deve ser internalizada no leitor de tal modo que o seu autor seja apagado, deixando o pensamento livre. Esse gesto interpretativo se evidencia nas respostas de Fabio Durão nas diversas questões sobre teoria, literatura e ensino na entrevista.

Fabio Durão atualmente é professor Livre-Docente do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Graduiu-se em Letras Português/Inglês pela UFRJ, realizou o mestrado em Teoria Literária pela Unicamp e o doutorado na Duke University, onde foi orientado por Frank Lentricchia e Fredric Jameson. É au-

tor de *Ensinando Literatura* (Parábola, 2022), *Metodologia de pesquisa em literatura* (Parábola, 2020), *O que é crítica literária?* (Parábola/Nankin, 2016), *Essays Brazilian* (Global South Press, 2016), *Fragments Reunidos* (Nankin, 2015), *Modernism and Coherence* (Peter Lang, 2008) e *Teoria (literária) americana* (Autores Associados, 2011). Coeditou, entre outros, *Modernism Group Dynamics: The Politics and Poetics of Friendship* (Cambridge Scholars Publishing, 2008); e organizou *Culture Industry Today* (Cambridge Scholars Publishing, 2010). Publicou diversos artigos no Brasil e no exterior, em periódicos como *Critique*, *Cultural Critique*, *Luso-Brazilian Review*, *Parallax*, *The Brooklyn Rail* e *Wasafiri*. Seus interesses de pesquisa incluem a Escola de Frankfurt, o modernismo de língua inglesa, a teoria crítica brasileira e ensino de literatura.

1) Em *Ensinando literatura – a sala de aula como acontecimento* (2022), o André Cechinel e você trabalham com a ideia de que a literariedade não existe como algo em si e afirma que não existe um discurso literário *per se*, porque a literatura é indissociável de uma atividade interpretativa que performativamente a caracteriza como tal. Defendem que, dessa maneira, “o ‘literário’ deixa de ser um predicado *a priori* do texto para se converter em um resultado da experiência de leitura, ou seja, ele só pode ser conferido retroativamente, segundo aquilo que foi capaz de gerar” (DURÃO; CECHINEL, 2022, p. 16). Assim, a literatura é pensada como algo processual, que só adquire sentido em ato. Como consequência, ensinar literatura consistiria menos na transmissão de um conteúdo específico do que no desenvolvimento de uma *postura interpretativa*, “um modo específico de se relacionar com os textos que favorece a interpretação, uma espécie de sensibilidade ou sintonia em relação à língua e à forma da obra” (DURÃO; CECHINEL, 2022, p. 22).

Sabemos que a literatura, hoje, perde espaço na vida cultural devido ao surgimento de novas mídias (cinema, televisão, redes sociais) e ao advento de novas formas de ficcionalidade (filmes, séries, videogames etc). Considerando que a literatura não é responsável por fornecer conhecimentos imediatos e nem diretrizes morais, há alguma contribuição específica da literatura, algo que lhe seja exclusivo e pelo qual ela deva ser preservada e ensinada hoje?

Eu teria duas coisas a dizer aqui. A primeira refere-se a uma representação muito comum da literatura como algo frágil e que precisa, como vocês dizem, ser “preservada”. Não me sinto muito confortável com esse adjetivo, porque ele traz algo de moral consigo, uma associação meio que *a priori* entre literatura e o Bem. Com bastante esforço da imaginação talvez conseguíssemos imaginar uma sociedade igualitária, na qual ninguém tivesse a sua subsistência ameaçada, e na qual

todos tivessem tempo de livre de sobra para se dedicar a ler, a escrever e conversar sobre textos. Em um mundo assim, no qual a escrita de verdade e a leitura pra valer estivessem plenamente socializadas, a literatura não seria reconhecível como tal para nós, ela se tornaria outra coisa, talvez precisasse até de outro nome. Ou seja, do jeito que ela existe hoje, a literatura é cúmplice da sociedade dividida em classes e baseada na exploração do trabalho dos pobres e dos miseráveis. É claro que também conseguimos imaginar, agora com bem menos dificuldade, um mundo no qual a literatura seria expulsa da universidade, e teria seu círculo de alcance reduzido ao mínimo. Ela se retiraria para a esfera dos endinheirados em uma nova configuração, que provavelmente misturaria algo dos salões do século XVIII com o espírito da corte da Idade Média. A literatura não precisa ser preservada, porque não vai acabar, é muita história, muita imaginação, muita inteligência, em suma, é algo rico demais para simplesmente desaparecer. A política das Letras não é uma de preservação, mas de democratização. Esse é o lado forte da literatura.

Acontece que por outro ângulo ela é algo de bastante débil. Como vocês dizem, se colocarmos obras literárias lado a lado a todas essas estranhíssimas formas simbólicas atuais do mundo digital, como as redes sociais, os streamings e os games, perceberemos que elas não têm como competir. Isso é importante para o ensino, pois não acho que seja produtivo apresentar a literatura como se ela pertencesse ao mundo do entretenimento. Se ela for situada ali, perde de lavada para todo o resto, não consegue ser nem mais interessante que um anúncio inteligente. Ao invés de tentar mostrar a literatura como algo divertido, é mais vantajoso abordá-la como algo diferente de todo o resto.¹

Meio que de improviso, eu sugeriria três conceitos interligados como forma de comparação aqui: imersão, exposição de si, e compulsão. O primeiro é o mais antigo, pois já estava presente no velho cinema, mas a tendência geral é a de um aprofundamento crescente do envolvimento sensorial pelo 3D, que num futuro próximo incorporará também o aspecto tátil online, possivelmente fazendo do sexo virtual algo bem comum. Já as redes sociais levam a uma exposição de si que se converte em segunda natureza: aonde quer que a pessoa vá, ela traz consigo o olhar de um outro – mesmo no banho se sente como sendo vista. Isso não enfraquece, mas reforça o império do Eu, que fica bem certinho no centro do mundo. A compulsão, por fim, tem a ver com a estrutura dos games e o cálculo competentíssimo dos programadores na distribuição de gratificações e frustrações, de

¹ O André Cechinel fez um comentário interessante a esse respeito: “Quando abordamos a literatura como algo diferente de todo o resto, me parece que passamos a falar de uma certa ideia particular de literatura, que seria preciso separar da “literatura” enquanto etiqueta genérica nas prateleiras das livrarias, pois essa noção genérica está longe de passar por uma crise ou de precisar ser preservada. Ela acomoda bem, inclusive, esses três elementos que você cita abaixo: a imersão, a exposição de si e a compulsão.”

modo a manter a pessoa o maior tempo possível conectada: tudo isso, é claro, regado a muito espírito competitivo. Vale a pena contrastar esses três conceitos com a leitura de literatura concebida como uma experiência estética forte. Existe sem dúvida uma imersão, mas ela não é sensorial, mas intelectual, principalmente no livro de papel. Os estímulos aqui são os mais discretos possíveis, o branco e preto silenciosos da página, uma pobreza perceptiva que permite o pleno funcionamento do raciocínio e da imaginação misturados, como se fossem uma coisa só (e talvez sejam). A exposição de si é o contrário do que ocorre na leitura, pois para que esta aconteça com eficácia, nós temos que nos apagar diante daquilo que o objeto estabelece como sua disciplina; a obra é o sujeito do processo e nós temos nos adequar a ela, temos que seguir as suas regras e o seu modo interno de funcionamento. Uma das coisas que caracteriza o bom leitor é a sua capacidade de aniquilar temporariamente o eu. Por fim, a literatura certamente possui um aspecto de compulsão e vício (tenho amigos que ficam de mau humor se passam muitos dias sem ler um livro), mas ele gera o oposto do antagonismo. Quando você lê é impossível não surgirem impressões e ideias, que você naturalmente vai querer compartilhar com alguém, e se essa pessoa também tiver lido e estiver aberta à conversa, eis que surge o germe de uma comunidade, mediada pela experiência do objeto. Ou seja, quanto mais a literatura perde espaço na sociedade, tanto mais ela se torna interessante ao fornecer aquilo que a sociedade não consegue mais dar.

Resumindo então, tentei falar de duas oposições dialéticas da literatura, que é ao mesmo tempo frágil e forte, deslocada e central.

2) Diante da perda de espaço da literatura, a poesia parece ser a expressão que menos se acomoda aos tempos atuais, em uma sociedade que produz incessantes estímulos espetacularizantes e os bombardeia constantemente contra indivíduos que oscilam entre um estado de excitação e outro de cansaço e tédio. Neste cenário, de produção incessante de conteúdo, qual seria o papel da poesia?

Vou retomar o gesto argumentativo da pergunta anterior. De fato, a poesia é o gênero literário que mais sofre em termos de circulação. O romance reina a tal ponto soberano, que parece por vezes se confundir com o literário; o conto, por ser curto, se adequa a uma sociedade sem tempo, e o teatro, por incrível que pareça, tem ainda o seu fiel e resiliente público cativo. Também do ponto de vista da crise da literatura – uma crise que já fez cem 100 anos e que já passou por diversas transformações – a poesia talvez tenha sido a que mais foi abalada, pois é defensável que a morte do eu lírico seja mais contundente do que a do narrador onisciente, ou da coerência das ações no palco. Seja como for, se mudarmos o ângulo

(como naquela cena memorável do *Matrix*, na qual a câmera gira em torno de Trinity parada no ar), percebemos que os princípios formais, aquilo que é constitutivo para a poesia, que a torna o que ela é, são socialmente imprescindíveis. A mesma lógica de exacerbação da penetração do capitalismo no âmbito da linguagem, esse o bombardeio de mensagens, que chamei de superprodução semiótica em um texto, é o que faz com que o ritmo e a rima tornem-se mais necessários do que antes. É estranho dizer isso, mas o núcleo da imaginação ficcional de nosso tempo, a propaganda, não vive sem recursos poéticos de composição. Um slogan inevitavelmente vai ter uma rima, assonância ou aliteração, um paralelismo métrico ou semântico, em suma, alguma espessura de linguagem que sublinhe as características do produto. A poesia está então morta e viva ao mesmo tempo, não como um zumbi, que é a mistura das duas coisas, mas na coexistência dos opostos, como um vaga-lume que piscasse e apagasse ao mesmo tempo – se é que essa imagem se sustenta. Girando o parafuso mais um pouco ainda, percebemos que existem formas sociais vivas que merecem atenção; no rap, por exemplo, há um desejo enorme de poesia, ainda por cima ligado a uma prática comunitária e performática. Seria muito positivo se algo do espírito do rap fosse trazido para a aula de poesia – não que o professor vá trazer raps para serem lidos em sala, mas que ele procure gerar o mesmo tipo de espontaneidade e imediaticidade. Uma estratégia inicial que costuma funcionar consiste em destruir bem destruído aquela associação entre poesia e o etéreo e inefável. É claro que ela pode ser isso, mas pode ser tantas outras coisas, como agressiva e violenta, abjeta, pornográfica, sacrílega, vexaminosa, irracional, absurda e incompreensível. Com efeito, esse impulso de desmistificação está na base daquilo que o André e eu falamos em *Ensinando Literatura*: retirar as obras dos píncaros da cultura, de qualquer relação de reverência, de qualquer ideia de capital simbólico, e se lambuzar com aquilo que os textos têm a oferecer.

3) A universidade parece ser, atualmente, um dos últimos refúgios da literatura. Em seu livro *Metodologia de pesquisa em literatura* (2020), você afirma que:

O enraizamento da literatura no ambiente acadêmico é tão inevitável quanto problemático: inevitável porque, como veremos, a universidade hoje no Brasil é um ambiente social *sui generis*, no qual há mais liberdade para o exercício da literatura; problemático porque esse espaço não é realmente livre, na medida em que se faz reger por princípios que, quando naturalizados e automatizados, facilmente se tornam opressores. (DURÃO, 2020, p. 14).

Quer dizer, a literatura paga um preço pela guarida que encontra no ambiente institucional, e esse preço é, como se afirma no livro, a “transformação da literatura em veículo de obtenção de conhecimento”. Há uma intensificação da objetividade e a implantação de uma lógica de finalidade no processo de institucionalização da literatura. Diante disso, perguntamos: é possível e/ou necessário que a pesquisa acadêmica, feita dentro dos muros da universidade, reinsira a literatura em outros espaços sociais?

De novo, a resposta é sim e não. Que a literatura possa circular em outros ambientes que não o universitário é obviamente algo positivo, mas temos que tomar cuidado para não idealizar o espaço extramuros. Se por um lado é importante que a universidade pública se abra para a sociedade, também o é, e talvez até mais, que se proteja dela. A alma da sociedade é mercantil, é o princípio de troca, a circulação de mercadorias, a lógica do lucro – muito mais agora com precarização da seguridade social. Quando todos são incentivados a se ver como autoempresas (imaginam-se como empresários de si mesmos, mas na realidade são precários empregados de si mesmos), a racionalidade do cálculo administrativo e da utilidade enraíza-se até os poros mais profundos do eu. Num mundo assim, algo tão inútil como a literatura torna-se rigorosamente ininteligível; na melhor das hipóteses, a pessoa vai assistir e aguenta a leitura pública de um livro por causa da imagem que isso gera, e que pode ser de algum modo ser lucrativa como capital simbólico. Em suma, a circulação pela circulação talvez seja pior do que a simples ausência, que pelo menos pode gerar o choque quando da descoberta.

Por outro lado, não precisamos pensar o espaço da universidade como algo monolítico ou homogêneo. Evidentemente, há o âmbito da competição e da seleção, como no caso das provas, bancas, processos seletivos, tudo que envolve notas e conceitos; e, infelizmente, existe também uma tendência crescente à burocratização das Humanidades, como quando um aluno de pós chama de artigo o trabalho final da disciplina. Daria para derivar todo um diagnóstico da área a partir desse equívoco terminológico... Mas vamos deixar isso para outra oportunidade, e focar no seu contrário, pois a universidade pode ser um local de troca genuína para além do que há nela de formal – daí a centralidade da cantina, tão importante quanto a biblioteca. Mais do que isso: se pensarmos que numa conversa sobre literatura implica uma *postura de apropriação* do assunto, ou seja, que você se posiciona, expressa e defende uma opinião sobre ele, então podemos imaginar que essa postura pode ser levada para a sala de aula (com diferentes graus de sucesso, dependendo do professor), e também para as atividades de extensão. Há potencial para isso, porque universidade é mais porosa do que pode

parecer – e o fato de que ela é pública e gratuita é imprescindível para isso. Uma imagem que me agrada para pensar uma universidade exitosa é a do vórtice, que se estende para o exterior, mas a partir de sua dinâmica própria, não como um imperativo a priori, seja por causa de uma sensação de culpa pelo isolamento, ou desconfiança daquilo que não tem utilidade imediata.

4) Em *Teoria (literária) americana*, você afirma que a Teoria é “resultado de uma exacerbação dos metadiscursos da teoria literária, que agora passam a constituir um campo (semi)autônomo” (DURÃO, 2001, p. 13). Uma das consequências diretas da autonomização da Teoria é a transformação de toda linguagem em Texto, em que tudo tem potência para se transformar em objeto de Teoria. A criação imensa de novas teorias todos os anos, com diversos objetos de estudo, tão em moda atualmente: *cultural studies*, *queer studies*, *post-colonial studies*, *subaltern studies*, *disability studies*, *afro-american studies*, *latinola studies*, *Jewish studies*, *film and media studies*, etc., etc., etc. (DURÃO, 2001, p. 14) são prova disso. Tendo em vista esse processo que você nos apresenta em seu livro, você pode discorrer sobre a relação do critério da novidade da teoria e o desenvolvimento cada vez mais veloz do neoliberalismo?

A pergunta já está oferecendo a resposta e realmente é muito importante refletir sobre o modo de produção acadêmico em sua relação com o propriamente econômico. De fato, a substituição frenética de arcabouços teóricos, com prazo de validade cada vez mais curtos, lembra muito a dinâmica da moda, que por sua vez corporifica a lógica da mercadoria à perfeição. Para o capitalismo, não importam as propriedades concretas das mercadorias, mas que elas sejam vendidas; uma estratégia comum é a obsolescência programada, construir o objeto de modo a que ele não funcione depois de um certo tempo. Mas não se pode fazer isso com tudo, e aí surge a moda, que representa uma mudança a partir de um acordo coletivo das pessoas, e não das características materiais do objeto. Isso funciona para a teoria, principalmente se atentarmos para que tipo de acordo temos e por meio de que pessoas. Em relação aos *studies*, é interessante encarar a palavra como um sufixo teórico que transforma um determinado conteúdo em um campo de pesquisa. Qualquer substantivo pode entrar aqui e você pode tentar imaginar os seus, como *cats and dogs studies*, *cuteness studies*, *imbecility studies*, *absence studies* ou *study studies*... O que está sendo significado no caso é a capacidade de estruturação institucional, pois para cada um desses estudos você precisa de uma revista, de uma associação, de eventos, e, se a coisa pegar mesmo, de contratações e até departamentos próprios. Sem contar que existe algo da lógica do esquema das pirâmides aqui, uma vez que os primeiros a chegar, que divul-

garão a nova área para colegas e alunos, levarão vantagem e pegarão o grosso do bolo, ao passo que quem vier mais tarde corre o risco de ficar sem nada. A coisa fica ainda mais complicada quando nos damos conta de que o núcleo da formação das teorias está nos Estados Unidos, o que nos coloca meio que no final da fila, a não ser que você seja uma pessoa antenada que importe a nova “virada”, ou o novo “paradigma” antes dos outros. Isso fica muito estranho quando o próprio conteúdo da novidade tem a ver com você; não sei é trágico ou cômico ler um brasileiro falando do pós-colonial, ou do *global South*, a partir das posições e dos argumentos de lugares neocoloniais no Norte global. Não se trata do *conteúdo* de tais argumentos e teorias, que muitas vezes são interessantes, e sempre muito bem intencionados, mas do fato de que não passam por um crivo crítico, não são a rigor avaliados, mas simplesmente explicados ou aplicados.

Dito isso, é importante deixar claro que não se trata de negar a teoria e ser contra ela, como se fosse possível ser antiteórico, mas considerá-la como objeto, o que performativamente significa colocar-se em uma posição emancipada como sujeito crítico. A teoria possui uma capacidade de trazer inteligibilidade às coisas que é entusiasmante, que pode ajudar a dar sentido à vida, nem que tal sentido seja por vezes bastante distópico, e formar pequenas comunidades interpretativas; ao mesmo tempo, existe uma imaginação teórica, que na sua capacidade de plasmar conceitos, identificar fenômenos e perceber detalhes, possui algo de poético. Essa imaginação, no entanto, está ligada a um problema central da teoria, que é a sua estrutura de promessa, e que gera aquilo que chamo de falácia proléptica. Cada nova articulação teórica traz necessariamente consigo a promessa de uma validade mais ampla do que o contexto no qual surge; ela diz que será produtiva no encontro com outros objetos e em situações diferentes. Acontece que há uma espécie de divisão do trabalho e essa atividade de aplicação da teoria sobra para os teóricos menores, porque aqui a imaginação teórica não vai muito longe. A falácia está então em prometer uma sobrevida futura, quando o bacana mesmo é a formulação conceitual no presente; esse futuro então é só uma virtualidade que permite o funcionamento da imaginação teórica, é uma motivação do procedimento, como diriam os Formalistas Russos. Esse extinguir-se em seu aparecimento alia a teoria tanto à arte contemporânea, em seu caráter de performance, quanto ao mundo das mercadorias mais avançadas em seu caráter mais destrutivo, como nas garrafas de plástico descartáveis.

5) Um de seus textos mais conhecidos é o “Do texto à obra”, título de seu livro epônimo de ensaios lançado em 2019. Neste ensaio você aborda a neutralização de conceitos como “indústria cultural”, de Theodor Adorno, e “sociedade do espetáculo”, de Guy Debord. Em 1973, Roberto Schwarz lançou *Ao Vencedor*

as *Batatas*, cujo texto de abertura se intitula “As ideias fora lugar”, expressão que virou um conceito largamente utilizado em diversos trabalhos acadêmicos para pensar diferentes domínios artísticos. Você considera que “as ideias fora do lugar” pode ter se tornado um conceito neutralizado depois de tantas abordagens? Você considera que a neutralização do conceito é consequência do seu envelhecimento?

Essa pergunta é excelente, porque me permite complementar a resposta anterior, que talvez tenha ficado meio confusa. A obra do Roberto Schwarz pode ser vista como uma espécie de antídoto àquilo que a teoria tem de problemático, pois ela não se presta à aplicação. O Schwarz procura falar a partir dos objetos, ou, melhor ainda, ele fala mais *nos* textos do que *sobre* eles. Os conceitos não têm a primazia, eles na realidade são nomes dados a percursos de leitura. “Ideias fora do lugar” não é uma noção que aparece primeiro e depois é confrontada com algum objeto, mas ao contrário é o título dado a um processo interpretativo, Por isso é tão difícil lidar com o Schwarz como teoria, porque o cerne da coisa não está no conceito, mas no procedimento, na atenção ao detalhe, na imaginação crítica que consegue discernir implicações amplas para palavras aparentemente singelas, (como acontece muito na leitura que ele faz de *Minha vida de menina*), na articulação de hipóteses interpretativas, na escrita, que espantosamente mistura termos bem coloquiais e formais de um jeito que funciona. Eu diria então que ler o Schwarz para extrair conceitos, como fazemos com a teoria, não é muito proveitoso, em vez disso, vale mais a pena prestar atenção, além, é claro, das ideias de seus textos, ao modo como eles são feitos. Se for para falar em aplicação, em adaptação, ou alguma outra forma de instrumentalização (a teoria tem tudo a ver com isso, ela se preocupa o tempo todo com ferramentas analíticas), em suma, algo para pegar e usar depois, então teríamos que pensar em um *impulso*, uma maneira de encarar e lidar com os textos, e não em algo pronto, um produto.

6) No Brasil, a importação da teoria tornou-se uma questão, sobretudo após a chegada do estruturalismo, pós-estruturalismo, marxismo, estudos culturais, a partir da década de 1960. A importação de diferentes teorias, fruto de um forte desejo pela atualização e pela novidade, gerou uma espécie de hibridismo entre Teoria e crítica literária no Brasil, tornando muito difícil separar os dois domínios. Luiz Costa Lima, em *Dispersa Demanda* aponta que a produção de Antonio Candido, Afrânio Coutinho e Haroldo de Campos eram apenas metodologias de literatura e não teoria. Como você entende a teoria produzida no país?

Essa pergunta engloba várias questões. Em primeiro lugar, acho que o problema não está exatamente na importação de teorias, pois é importante ler o que acontece em outros países, inclusive (talvez principalmente?) aquelas teorias das quais discordamos. Eu frequentemente critico colegas com os quais tenho muitas afinidades intelectuais, filosóficas e políticas, por não se disporem a ler e a comentar teorias alheias. O problema está em importar e engolir direto, não digerir o que vem de fora, não fazer a coisa passar pelo crivo da experiência, não se colocar em uma posição enunciativa capaz de recusar, ao menos parcialmente, o que é teorizado. Não me lembro de ter visto algum derrideano brasileiro dizer “aqui Derrida está errado”; como pode um filósofo que escreveu milhares de páginas não ter errado nunca?

Mas talvez a própria metáfora da importação seja questionável. Queixar-se a respeito da ausência de uma teoria *brasileira*, já é algo que pertence ao horizonte do subdesenvolvimento. Os americanos não chamam a teoria que fazem de teoria americana; somente os não-americanos o fazem, justamente para criticar o imperialismo teórico ianque. Pior ainda, o termo “filosofia francesa” é americano; a versão original, em francês, do livro de François Cusset sobre o assunto se chama *French Theory*. Quando você está no centro, e não na periferia, a questão centro x periferia desaparece. Como ato de fala, esse lamento, então, tem algo de curioso, porque reforça aquilo que do qual pretende fugir. Por outro lado, temos a ironia de que a teoria brasileira com mais penetração no exterior, a de Roberto Schwarz, foi toda ela centrada no Brasil. Daí uma reviravolta dialética: na periferia, reivindicar cosmopolitismo converte-se em provincianismo e a imersão na experiência local permite a configuração, ou mesmo o deslocamento, da ideia do todo.

O último aspecto da pergunta que eu gostaria de comentar refere-se à oposição entre teoria e crítica, que eu acho que mereceria ser mais bem teorizada e criticada, pois ela na realidade nomeia uma divisão do trabalho intelectual que não necessitaria ser aceita de antemão. A crítica possui um objeto limitado e um campo de validade estreito, ela pode ir fundo naquilo que lê, mas suas conclusões restringem-se a esse pequeno universo; a teoria é o contrário, ela trabalha com escopo não apenas amplo, mas aberto, como vimos na questão da falácia proléptica. A partir dessa descrição já se pode ver como ambas são frustrantes: de um lado, ideias que não voam, porque estão presas demais à concretude de um objeto, de outro, ideias que voam demais, porque não possuem o lastro da materialidade de um objeto de análise. O ideal seria romper essa dicotomia em um tipo de crítica que acolhesse a teoria, sem abrir mão da especificidade e da riqueza do material: usando outros termos, uma prática interpretativa que conseguisse fundir o horizonte estreito da obra com o alargado da sociedade e da história. – E não é que sem querer a gente trombou em uma caracterização da dialética?